

## África surge et ambula!

Rosely Zenker Barbosa Lopes<sup>1</sup>

Rui de Noronha (1909-1943) nasceu na então Lourenço Marques, atual Maputo, Moçambique. Sua obra completa está reunida em *Os meus versos*, publicada em 2006, com organização, notas e comentários de Fátima Mendonça.

O autor colaborou na imprensa escrita de Moçambique e Portugal, notadamente em *O brado africano*, mas não chegou a editar nenhum livro em vida. Seu professor de francês, Dr. Domingos Reis Costa, reuniu, selecionou e revisou 60 poemas para a edição póstuma intitulada *Sonetos* (1946), editado pela Tipografia Minerva Central. Porém, essa obra levantou polêmica entre estudiosos que alertaram para a interferência do revisor em muitos poemas de Noronha, com adulteração de versos.

Fátima Mendonça, motivada pela constatação de diferenças entre poemas publicados em jornais e no livro *Sonetos*, dedicou-se a uma coletânea completa da obra, em busca dos versos originais. A trajetória completa e impressões de Mendonça estão reunidas no prefácio *Rui de Noronha, entre a memória e o esquecimento*, cujo texto também explica como foram organizadas notas e comentários aos poemas.

Segundo conclui Mendonça, a natureza das modificações da edição de *Sonetos* aparentemente tentava “aperfeiçoar”, “corrigir ‘erros’ de desvio à norma gramatical”, “obter formulações ‘mais poéticas’ de acordo com um cânone estético adaptado à imagem do professor corrigindo textos”, e adequações para manter estrutura de verso decassílabo.

A publicação da edição organizada por Mendonça quase se deu na década de 90, quando ela se encontraria com parentes do autor no 50º aniversário da morte do poeta. Mas um triste acontecimento na vida de Mendonça interferiu nesta possibilidade. De qualquer modo, Elza de Noronha conseguiu entregar posteriormente o material em posse da família à pesquisadora.

---

<sup>1</sup> Mestranda em Estudos Comparados de Língua Portuguesa, FFLCH-USP. **Pesquisa:** *Poéticas da violência em situação de colonização: Leitura crítica de António Jacinto e José Craveirinha*. **E-mail:** [roselyzenker@hotmail.com](mailto:roselyzenker@hotmail.com)

Entre a pena do poeta e os leitores que hoje têm acesso aos seus escritos, traçou-se um percurso conturbado, mas com desfecho feliz para os estudiosos das literaturas moçambicanas: está sedimentado o acervo “tão vasto quanto possível, dos poemas autênticos de Rui de Noronha”, nas palavras de Fátima Mendonça. E não é somente esse o privilégio da obra *Os meus versos*, há ainda um minucioso trabalho de Mendonça acrescentando em todos os poemas notas conclusivas de suas pesquisas.

O livro se divide em duas partes: uma de sonetos, que constitui a maior contribuição da obra; a segunda que reúne outras formas poéticas. Essas partes, por sua vez, organizam-se em grupos, apanhados entre publicações diversas e inéditas. Sobre o poeta sonetista é importante destacar aqui as palavras da professora Rita Chaves:

Em Rui de Noronha, apontado como precursor da poesia nacionalista em Moçambique, vamos encontrar o cultor de sonetos, forma literária diretamente ligada à antiguidade greco-romana. (...) O cultivo de um modelo cunhado em terras distantes da geografia africana, durante algum tempo, lançou alguma suspeição sobre o poeta que era visto como um escritor alienado. Com a serenidade que a distância temporal permite, a poética do autor foi revista, ressaltando os aspectos positivos de uma escrita que, valendo-se de formas forjadas pela história de outros povos, com ela aborda aspectos fundamentais de sua própria cultura (*Angola e Moçambique. Experiência colonial e territórios literários*. Cotia: Ateliê editorial, 2005, p. 254).

O primeiro conjunto de poemas nesta obra é apresentado de acordo com divisão do próprio autor que, segundo consta nos manuscritos, havia selecionado aqueles que gostaria de publicar em um livro chamado *Meus versos*. Curioso notar que seu poema mais conhecido, “Surge et ambula”, encontrado em antologias de literaturas africanas em língua portuguesa, não consta desta seleção. Pelo desfecho deste soneto, podemos observar o veio revolucionário que se seguiu e se desenvolveu nas gerações literárias posteriores:

Desperta. Já no alto adejam negros corvos  
Ansiosos de cair e de beber aos sorvos  
Teu sangue ainda quente, em carne de sonâmbula...

Desperta. O teu dormir já foi mais do que terreno...  
Ouve a voz do Progresso, este outro Nazareno  
Que a mão te estende e diz: - África surge et ambula!

Aos sonetos também são reservados os versos mais íntimos, que na maioria expressam tristeza, angústia, muitas vezes subjetivos e introspectivos.

Há poemas envolvidos em atmosfera de sonho, de sonho inatingível, de sonho bom interrompido por um brusco despertar, de sonho isento das sensações da realidade. A água é um elemento recorrente, por vezes apresentado em forma de mar, de rio, de chuva, de choro. Há muitos dias chuvosos, de mau tempo, e o dia e a noite e intercalam em uma corrida infinda do tempo. As horas passam, a busca constante é inútil, e ficam para trás as possibilidades de Vida. A Vida e a Morte enfrentam-se e desafiam-se; desafia-se a razão ao se tentar entender o fim de todas as coisas, o fim do homem, seus pensamentos e todas as suas realizações, que perdem sentido diante o abismo da Morte. A Dor inevitável do viver ora é pessoal, diante a solidão, ora é causada pela observação das injustiças e diferenças sociais, da escassez. A Dor também está expressa em grande parte da obra, e ora há uma voz que dela zomba, podendo ser caracterizada por uma forte gargalhada, ora há uma voz que não consegue se expressar, como um grito engasgado na garganta que tenta sair, ora é um berro de súplica. E há versos de amor, que podem ser amargos pelos desejos incorrespondidos ou pelo sofrimento da separação, que podem admirar a mulher e seus atributos.

A segunda parte, nomeada Quenguêlequêze (porque houve uma “indicação por parte de Rodrigues Jr.” (2006, p. 14) de que seria uma opção ao título do livro que Noronha gostaria de ter publicado), contém outras formas poéticas que não o soneto, podendo ter caráter menos formal e temas menos intensos. Pode-se até ter a surpresa de encontrar expressões lúdicas, humor recalcado pela ironia, desfechos inesperados. Como nos explica Pires Laranjeira, Noronha “plasmou em formas mais libertas de constrangimentos e versou temas relacionados com tradições nativas de Moçambique” (*Literaturas Africanas de Expressão Portuguesa*. Lisboa: Universidade Aberta, 1995, p. 258). O professor conclui:

Noronha, é, pois, herdeiro do terceiro romantismo português, (...) da sua oscilação entre a consciência do sujeito e a ânsia de absoluto (que haveria de liquidar física e psiquicamente um Antero, ora sombrio, ora ático, que a história tratava de reconduzir à realidade (isto é, ao quotidiano e seu jogo de forças materiais, sociais). Mas o poeta ultrapassa os restos desse terceiro romantismo, ao apropriar-se de temas e imagens segundo uma estratégia textual e ideológica que assumia os primeiros contornos de uma moçambicanidade (...).

Sem dúvida, é necessário reconhecer tanto o valor do poeta quanto o da dedicada coletora de seus poemas, que se encontravam distribuídos em diversos jornais e revistas e inéditos ao público.

**Dados de publicação:**

Rui de Noronha. *Os Meus Versos*. Maputo: Texto Editores, 2006.

